

ia

Villas-Bôas Corrêa

Os senadores José Richa e Mário Covas formam a mais promissora dupla da política brasileira. A amizade entre o ex-prefeito de São Paulo e o ex-governador do Paraná não é nova. Brotou e deitou raízes na convivência de Brasília, ramificando-se para a solidez de laços familiares.

Até aí, nada de especial. Recente e incomum é a parceria, e o peso, a consistência que foi adquirindo, na rolagem de circunstâncias e no inusitado de dois amigos que, de uma hora para a outra, se reconhecem como candidatos à presidência da República.

Entre os dois a conversa deve ser franca, aberta, mas contida nos limites naturais das conveniências. Nunca se saberá exatamente o que Covas e Richa combinaram entre si para os acertos de ambições conflitantes e que se acomodaram num ajuste perfeito.

Richa começou a bordar a sua candidatura desde os êxitos no governo do Paraná. A sua campanha como candidato ao Senado, deslizando sobre as roldanas do êxito, desenhavam o perfil de uma ambição presidencial, a transbordar para outros estados, ajudando o PMDB e ajudando-se a fincar as estacas do amanhã. Com a confirmação do sucesso eleitoral, o senador José Richa desembocou na Constituinte como um candidato assumido, embora esgrimindo as manhas da dissimulação apenas para a composição da aparência.

De Mário Covas há muito se fala como um possível aspirante à presidência. Mas, nas conversas vadias, na especulação descompromissada. A sério, para valer, implodiu na eleição para líder do PMDB na Constituinte, emoldurada por discurso célebre, ainda hoje apontado como um antológico exemplo de eloquência bem-sucedida, a mudar o risco do provável. Só então é que se valorizou a eleição recordista para o Senado, no andor de 8 milhões de votos paulistas.

A competição no ringue do PMDB de São Paulo era dura e desigual. À sua frente, pelos critérios da idade, da biografia e dos degraus hierárquicos, fazem fila o Dr Ulysses Guimarães, veterano na pretensão teimosa e que passou pelo teste da anticandidatura e de uma preterição histórica, quando cedeu o lugar que já havia perdido para a alternativa conciliatória e viável da candidatura de Tancredo Neves; o ex-governador Franco Montoro, em andanças continentais; a

esperteza matuta do governador Orestes Quércia; e mesmo o brilho sorboniano do senador Fernando Henrique Cardoso.

De um salto, Covas passou a perna em todos. Viveu uma quinzena sob a luz dos refletores de um intenso favoritismo. Coleccionou ratificações de sua habilidade nas escaramuças internas com a bancada para impor as suas escolhas de uma penca de autênticos às resistências dos moderados. Plantou na Constituinte a sua equipe e recolheu-se à penumbra, para dar tempo a que as feridas cicatrizem. A sua vez estará de volta lá para agosto, setembro, quando do fragor das batalhas do plenário, na discussão e votação definitiva do texto de uma Constituição que está sendo montada na originalidade de um esquema que estimula e facilita as pressões populares. Quer dizer: o líder Mário Covas será o ator principal das cenas finais, quando o espetáculo atrairá multidões participantes à Praça dos Três Poderes. Se repetir o desempenho oratório e bisar as artes da conciliação, estará consagrado.

Até lá, um caminho de curvas e precipícios a percorrer. Roteiro que richa e Covas continuam a pamilhar juntos e entendidos.

Com o breve encolhimento de Covas, é a hora de Richa. Emplacou o convite para a chefia do Gabinete Civil e dele desfez com recusa polida mas esperta. Manteve o desembaraço para dosar as intervenções, medindo oportunidades. No Recife, ajudou a controlar a fogueira ateadada pelo destampatório do governador Miguel Arraes. E fecha a semana com o articulador do parlamentarismo com Sarney, fórmula que alivia a crise econômica e as pressões do desespero.

Ora, na parceria Covas-Richa o deficit e intrigante era a identificação da prioridade. Quem cede o lugar ao outro e o apoia, para a sucessão do presidente Sarney? Apostava-se em Richa até a ascensão de Covas. Afinal, o paulista pode esperar e cumprir etapas, sonhando com o governo de São Paulo e ajudando o amigo Richa a chegar ao Planalto. A cotação de Richa e Covas registram um empate, com as oscilações para um e outro.

A probabilidade cada vez mais nítida do parlamentarismo cabe como uma luva nas ambições da dupla, resolve pendengas afasta o risco de ciúmadadas e rivalidades. Pois Covas e Richa se encaixam no parlamentarismo em dose dobrada de realização. Com José richa na presidência e Mário Covas como primeiro-ministro. Ou vice-versa.

Ahn. Então está explicado.

Fotos do Arquivo

